

Dívida: Grã-Bretanha não mudará posição

TEODOMIRO BRAGA
Correspondente

LONDRES — A equipe econômica comandada pela Ministra Zélia Cardoso de Mello não deve esperar qualquer abrandamento na dura posição da Grã-Bretanha na questão da dívida externa brasileira em consequência da mudança de Governo. O novo Ministro das Finanças, Norman Lamont, é um ardoroso advogado da tese de que, se deve, tem de pagar. A única vantagem para os interesses brasileiros na saída de Margaret Thatcher é que agora Zélia pode dizer que tem alguns conhecidos entre os novos donos do poder na Grã-Bretanha. O Primeiro-Ministro, John Major, foi uma das autoridades britânicas com quem ela se encontrou durante sua visita a Londres, em julho passado, para discutir o problema da dívida externa. Na época, Major era o Ministro das Finanças. A pessoa com quem Zélia conversou mais longamente foi com um alto funcionário do segundo escalão do Tesouro, Richard Ryder, agora o Líder da bancada do Governo no Parlamento. Defensor incondicional da política monetária restritiva, Lamont também endossa a dura postura dos banqueiros britânicos em re-

lação à dívida externa do Terceiro Mundo. O ponto básico dessa posição é de que, se as dívidas foram contraídas, têm de ser pagas integralmente, como estipulam os contratos. Essa posição inflexível também é espalmada por Robim Leigh-Pemberton, que permanece à frente do Banco da Inglaterra. Isso significa que não há motivos para as autoridades econômicas brasileiras esperarem qualquer modificação na atitude britânica quanto à dívida externa do País após a saída de Margaret Thatcher. As dívidas brasileiras com os bancos oficiais e privados da Grã-Bretanha somam US\$ 9 bilhões, o que faz do País o terceiro credor do Brasil, juntamente com a França e após os Estados Unidos e o Japão. A nomeação de Lamont para o Ministério das Finanças foi recebida pela City de Londres como um sinal de que também não deve haver mudanças significativas na política econômica do País. Como Secretário do Tesouro, ele era o principal parceiro do atual Primeiro-Ministro na implantação da rígida política monetária que elevou as taxas de juros para o patamar de 14% ao ano, o mais alto de toda a Europa. Na recente disputa pela sucessão de Margaret Thatcher, Lamont teve decisivo papel na ascensão de Major.